

## A exaltação do artesanão

## The craftsman exaltation

MATHEUS MARIM

Embora ainda sem a íntegra da mesa redonda “Homeopatia e Ética Médica”, que aconteceu no dia 11/09/1989 na sede do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo, não sei se vou encontrar elogio maior à Homeopatia que as palavras do colega presidente do CREMESP Dr. Heitor Buzzoni, ao afirmar: *Para mim a Homeopatia é uma “especialidade artesanal”*.

Artesania consiste no trabalho individual, no exercer a arte com seu sentimento e com suas mãos, por aqueles que têm habilidade e vocação para isso, no campo da arte e dos ofícios tradicionais.

A ONU enfatiza que para o ser manter-se em harmonia o seu trabalho deve ser criativo.

Ao buscarmos uma pintura, uma escultura, a que damos preferência? À obra original com toda a pujança e vibrante expressão do seu artífice ou à cópia fria, pálida e postiça, obtida em série pela artificial indústria da reprodução?

Mesmo reconhecendo e admirando que nessa indústria, para a obtenção do produto final, também estão presentes arte e apuro próprios, a cópia poderá satisfazer temporariamente os sentimentos menos vibrantes ou levantar saudade de algo não presente.

Para o conhecedor e participante da arte, apenas o objeto original conseguirá fazer vibrar os acordes do sentimento.

A cópia elaborada toca as fímbrias; o original, mesmo tosco, toca o âmago da paixão.

### O médico artesão

Ao buscar um terapeuta o que desejamos nós? Sermos apenas identificados e rotulados como cópias repetitivas e monótonas de outros que também possuem, por suas infelicidades, um diagnóstico clínico como o nosso, ou sermos acolhidos como uma pessoa única e irrepitível neste Universo, com um sofrimento particular e que jamais poderá ser encontrado igual?

Ao recebermos uma prescrição, o que esperamos dela? Que simplesmente apazigue sintomas de nossas doenças, tocando-nos superficial e artificialmente? Ou que nos ajude a superar aquele sofrimento profundo, arraigado e escondido, que nos escraviza e nos consome?

O fluir da Homeopatia nestes 200 anos é bem o retrato da evolução dessas duas posições. Mantendo presente a atividade do artesão.

Ao iniciar seu trabalho de experimentação em 1790, a totalidade do ser foi sendo mostrada a Hahnemann e por ele logo reconhecida, embora com dificuldade ainda para trabalhá-la. Em seus primeiros anos de labor

**Descritores:** Médico Homeopata; Homeopatia; História da Medicina.

---

Publicado na *Revista de Homeopatia da APH*, no artigo “O apanhado do caso clínico: ontem e hoje”, comunicações de Oscar Milton Godoy Jr., Márcio Strada e o autor, vol. 55, nº 1, pp. 3-9, março de 1990.

homeopático, a avaliação do paciente objetivava identificar similares às enfermidades, para logo a seguir, fruto de seus insucessos, insatisfações e consequentes progressos na arte da prescrição e das patogenesias, conseguir abordagens cada vez mais completas de seus pacientes e a obtenção de resultados mais satisfatórios, porém ainda incompletos.

A partir de 1828, após 10 anos de pesquisas, revisões e uma compreensão mais ampla e profunda da Lei, Hahnemann passa a recomendar a compreensão miasmática dos enfermos, tocando dessa forma aspectos mais profundos de cada um de nós, mostrando-nos a realidade das várias facetas da predisposição, da susceptibilidade e da idiosincrasia. Desta forma Hahnemann situa definitivamente a Homeopatia entre as ciências do Homem que dele buscam uma compreensão global, dotando-a de uma ferramenta capaz de tocar e movimentar a totalidade, o remédio homeopático!

Foram 53 anos de trabalho clínico incessante, de críticas e auto-críticas constantes, de um fervilhar de ideias onde a dialética remetia-o e a seus discípulos a pontos cada vez mais encantadores no universo do saber médico, exigindo de cada um, artesanão na arte de ajudar a seus semelhantes, esmero e apuro na obtenção do caso clínico para poder perceber o idiosincrático em cada ser vivente.

Nem todos os seus seguidores, porém, ousaram imitá-lo.

Ancorados ainda em posições reducionistas, um grande número de homeopatas preferiu permanecer nos primeiros anos da prescrição hahnemanniana, cuidando da doença com similares a ela relacionados, deixando de lado a totalidade do ser e o sofrimento profundo de cada um.

Outros, em menor número, porque este mister é muito mais difícil, foram seguindo as pegadas do Mestre de Meissen, procurando novas formas para ampliar horizontes e aprofundar-se cada vez mais na individualidade, visando estabelecer similaridades cada vez mais completas e eficazes.

Criou-se assim uma cisão no ambiente homeopático, o exercício da similitude pela parcialidade (argumentando que o todo expressa-se em cada uma de suas partes) e o exercício da similitude pela totalidade. A similitude à doença e ao ser parcial e a similitude ao doente ou ao ser global, discussão que se prolonga até os dias de hoje.

Felizmente, nestes anos todos, o estudo das ciências humanas evoluiu. A medicina recebeu enorme aporte instrumental dos físicos, biofísicos e da engenharia, transformando em realidade sonhos da ficção científica. O avanço laboratorial proporcionado pela química, bioquímica e farmacologia contribuiu para

umentar o número de rótulos para as doenças. A instrumentalização direcionou o trabalho para a busca de medicamentos ou atitudes para destruir os rótulos-alvo (doença).

A engenharia sanitária e a medicina social impuseram-se como grandes fatores de melhoria da saúde das nossas populações, atuando preventivamente, melhorando a qualidade de vida, afastando doenças, prolongando a vida.

Porém, o surgimento desse hipertrófico braço-instrumento laboratorial afastou ainda mais o médico da compreensão do seu paciente, de tal forma que as histórias clínicas dos mestres de propedêutica de hoje são meros rascunhos quando comparadas aos mestres propedeutas do passado.

Objetivação? Melhor identificação das doenças? Não se pode perder tempo?

Quem cura mais? os de ontem? os de hoje?

Por que continuar sempre doentes?

Mas, o que é curar?

Disto tudo a homeopatia também se beneficiou e o diagnóstico clínico, elemento importante desde os primórdios hahnemannianos, classificou-se e ajudou-nos a conhecer ainda mais os nossos doentes, incorporou-se definitivamente à história homeopática, ajudando-nos a perceber melhor o funcional e o lesional, a estabelecer reais expectativas no que tange ao prognóstico clínico-dinâmico, enfim, a compreender melhor a doença em nosso doente, a compreender melhor a parte dentro do todo.

Mas, felizmente, não foi apenas no instrumental e no laboratorial que as ciências do homem progrediram.

Cem anos após Hahnemann e fruto também das escolas vienenses, surge no universo do saber um pesquisador clínico que começou a levantar um dos mais intrigantes e misteriosos véus da humanidade. Identificando as formas de o inconsciente expressar-se, Freud causou uma revolução nas ciências do homem, que entre surpresas e atônitas opunham-se e questionavam, tentando minimizar o impacto do confronto com a verdade de cada um. Ao transformar o inconsciente em objeto de pesquisa e mostrar como estudá-lo, Freud rouba definitivamente às religiões o estudo dos sentimentos e das paixões, rompendo um acordo tácito entre as Igrejas e a ciência. Tal dicotomia instalara-se e consolidara-se durante os papados de Clemente IV e Gregório X no período 1265/1275, ou seja, 250 anos antes do descobrimento do Brasil.

Um pouco antes disso, Urbano IV, seguindo o trabalho de Gregório IX, ao ver ameaçada a estabilidade da Igreja com o estremecimento do seu poder temporal e o

fortalecimento do Estado, encomenda a Tomás de Aquino, discípulo de Alberto Magno, uma forma definitiva de cristianizar a lógica aristotélica, de adequar e posteriormente incorporar o pensamento aristotélico ao corpo de doutrina da Igreja. Tomás de Aquino (o boi mudo da Sicília) então, a par de outros trabalhos, ordena metodicamente os parâmetros que nortearão a distinção entre a essência e a existência, entre o ser e o ente, codificando as qualidades e propriedades atributos, sentimentos relacionados à alma e ao espírito.

Desta forma, a Igreja impõe-se ao Estado por estar qualificada a tratar com a ordem sobrenatural e o Estado habilitado a manusear apenas a ordem natural.

Para tornar esta subordinação harmônica, do ponto de vista social, o poder espiritual cuida da alma e dos atributos do ser como ente, enquanto o agente, manuseado pelas ciências médicas, apenas tem atendido por elas as mazelas do seu corpo. A Igreja domina assim também a medicina.

A medicina tem autorização para cuidar do corpo físico, com suas doenças, enquanto a Igreja, pela sua ordem sobrenatural, é responsável pela saúde da alma e do espírito, levando-o a encontrar-se com a sua essência, em Cristo. (Tomismo é a cristianização de Aristóteles).

Justifica-se Aquino:

"Se o platonismo contém um certo número de teorias próximas da doutrina cristã, o modo de filosofar de Aristóteles é superior e mais conforme ao raciocínio da Igreja porque suas teses são mais rigorosas e dialéticas".

Anteriormente a Freud, os outros atributos do ser já começavam a ser tocados por Mesmer e Charcot.

A experimentação hahnemanniana, ao movimentar o Ser em sua totalidade, move-se em seus sentimentos, sua vontade e seu entendimento e, pela genial habilidade de Kent, esses atributos são adequados à história clínica e introduzidos na hierarquização dos sintomas, estabelecendo um paralelismo entre o miasmático e o real, que muitas vezes é erroneamente rotulado de iluminismo.

Movidos pela força do campe freudiano, surgem inúmeros ângulos de focar o psiquismo. A psiquiatria, naquela época restrita aos sanatórios, vê surgir duas novas posições: a psicanálise e a psicologia.

E o que tem isto tudo a ver com Homeopatia e com o apanhado do caso clínico?

Embora o apanhado do caso clínico objective colher os elementos que mostrem o ser em seu sofrimento essencial, físico e psíquico, para chegar-se assim ao medicamento mais similar possível dentro do que se conhece das patogenias, um grande número de homeopatas, objetivando conhecer ainda mais

seus pacientes, passaram a fazer incursões no campo da psicanálise e nas diferentes correntes da psicologia, seduzidos pelo levantar desse misterioso véu do inconsciente.

Tais incursões mostraram-se muito reveladoras percebendo-se, nos casos curados pelos dois lados, inúmeros paralelismos, não só no que tange as observações do prognóstico clínico-dinâmico. mas também na identificação do sofrimento profundo de cada um.

Assim, o apanhado do caso clínico foi sendo trabalhado por cada homeopata com o saber adquirido pelo estudo da filosofia e clínica homeopática, enriquecido pela arte peculiar de cada um, amparada pelo conhecimento de inúmeros outros artesãos, que como ele buscam aperfeiçoar-se, renunciando jamais à auto-crítica e à revisão.

Os do segmento reducionista, seduzidos pelas conquistas das ciências biológicas, aventuram-se na experimentação em animais de laboratório e tentam extrapolar seus achados à clínica. Evoluem assim a isoterapia e a tautoterapia. trazendo pouco ou quase nenhum aporte à abordagem clínica.

Os do segmento não reducionista, com a observação da evolução das ciências do homem, percebem novos parâmetros a serem considerados e sentem-se cada vez mais encorajados a reexperimentar em humanos, a continuar com as patogenias, aportando novos dados às histórias clínicas.

Consequência de todos esses movimentos e buscas, vivemos uma atualidade onde várias propostas estão presentes para serem observadas e questionadas.

Apresentamos aqui algumas delas para discussão nesta Jornada, para evitar cair em outros reducionismos.

Após o trabalho genial de Freud e seus seguidores, sabemos hoje serem os sonhos uma forma de expressão do inconsciente constando o mesmo de 3 elementos:

- elemento de véspera
- condensação
- deslocamento

### **Entendendo o sonho como cumprimento do desejo:**

Para ilustrar, vamos a um caso clínico:

**M.A.G.**, 35 anos, sexo feminino. Consulta para crises convulsivas consequentes a neurocisticercose de localização cerebral. Além de urna teníase resistente a todos os tratamentos.

Sonhos com aranhas, repetitivos, desde a infância. Aparecem como elemento constante em vários sonhos, jamais foi atacada por elas, com o tempo estão se tornando maiores e

menos numerosas, acorda sempre assustada e com medo, parece que a contemplam com olhar severo.

Sonhos com aranhas: *Cinnabaris*, *Crotalus cascavella*, *Venus mercenária*.

Sonhos aterradores que despertam: *Belladonna*, *Cascarilla*, *Cornus circinata*, *Dichapetalum*, *Erigeron canadensis*, *Lycopodium clavatum*, *Mephitis putorius*, *Sulphur*.

A totalidade sintomática característica:

1	2	3	4	5	6	7
acon	•			•	•	
ambr						
cham				•	•	
dig					•	
graph	•	•	•	•	•	•
kreos	•					
lyc	•		•		•	•
nat-c						
nat-p						
nat-s						
nux-v						
phos						
sabin						
sep						
tarent	•		•			
thuj					•	

- 1 – Tristeza ao ouvir música
- 2 – Choro sem causa
- 3 – Tudo lhe parece estranho
- 4 – Temor ao despertar de um sonho
- 5 – Dor de cabeça ao tomar frio
- 6 – Dedos frios, permanentemente
- 7 – Líquidos quentes melhoram seus sintomas

Se quisermos atuar homeopaticamente, devemos comparar os sonhos dos nossos pacientes aos encontrados na experimentação (Matéria Médica) via Repertório, mas... poderemos incluí-los com toda confiança na hierarquização?

Acredito que não, pois não temos referência quanto ao elemento de véspera do experimentador.

Por ex.: está urna pessoa experimentando um medicamento e durante o dia depara-se com um rato e ao dormir sonha com ratos, acorda e lembra-se deles. Qual a participação do medicamento na gênese deste sonho?

Outro ex.: sonhos com guerras e batalhas, até onde podemos tomá-lo como provocados pelo medicamento se, durante todo o período inicial da homeopatia e onde foram

feitas grande número de experimentações, a Europa estava imersa em guerras? e em ratos?

Falta-nos esse tipo de referência na matéria médica.

Mas existe no repertório vários sonhos com 3 pontos (experim. - reexperim. - curados), como tomá-los? Se buscarmos quais as rubricas, percebemos que são rubricas amplas como, por exemplo, *acidentes*, *agradáveis*, *ansiosos*, *aterradores*, *eróticos*, *fantásticos*, *numerosos*, *vívidos* etc...

Desprezar então os sonhos?

Não, pelo menos não levá-los a hierarquização, mas anotá-los e observá-los, buscar seu comportamento, sua mudança na evolução do tratamento homeopático.

O que faz o medicamento homeopático? Introduz um sinal de similaridade e o organismo movimenta-se em sua totalidade e é dentro deste movimento que devemos avaliá-lo.

Por ex... M.A.G., apesar de magra, não constipada e rápida em seus afazeres, prescrevemos *Graphites* que movimenta o caso e, à medida que evolui seu tratamento, as aranhas começam a diminuir de tamanho e tornam-se vermelhas. Oito meses após o início do tratamento, tem sonho horroroso onde presencia uma menina sendo dilacerada pelas grades vermelhas de um trator e alguém gritando "cuidado com a aranha", "cuidado com a aranha". Após esse sonho, refere-se como em "estado de graça", "muita paz", expressão que frequentemente ouvimos quando o tratamento homeopático consegue levar o paciente à sua re-subjetivação.

Em sua história de vida conta-lhe a irmã mais velha que uma vez, aos 3 anos de idade, quase fora apanhada pelas grades de um trator, a que chamavam "aranha", mas sua boneca fora esfaqueada e ela ficara muito assustada por vários dias.

Desnecessário dizer o bem em que se encontra essa senhora até hoje, com eliminação de sua solitária.

Ao buscarmos sonhos com acidentes, encontramos *Graphites* com 3 pontos e aqui o acidente escondia-se atrás da aranha. Fez-se presente aqui o mecanismo de fulgurabilidade, os sentimentos desarmonizantes que geraram sua alteração do equilíbrio vital, ficaram esquecidos e disfarçados nas aranhas e *Graphites* tem 2 pontos no repertório em transtornos por sustos.

Atrás da aranha escondia-se o significante, núcleo patógeno de desarmonização. O movimento induzido pelo medicamento trouxe o sujeito ao contato com sua realidade íntima, revelando o traumatismo a longo tempo recalado. O núcleo patógeno sinalizava com os sintomas hierarquizados e repertorizados, na aranha mostrava-se a fulgurabilidade, a condensação e o deslocamento.

O que fazer com os sonhos: segui-los, acompanhar a sua evolução, anotá-los, buscar perceber a sua mensagem cuidando para não interpretá-la.

Ainda dentro deste mesmo raciocínio, solicitamos reflexão para a inclusão dos temas-palavra na tentativa de compreensão do enfermo.

A repetição constante de um vocábulo sem dúvida mostrava ancoragem em torno de uma determinada situação, ligando-a ao núcleo patógeno, porém, o estabelecimento de sinonímias ou a decomposição de palavras ou a busca de sua similaridade com outros vocábulos, temas, símbolos ou mitos, afastam-nos do significante deste vocábulo.

Estamos trabalhando em cima de significados.

O vocábulo “mãe”, por exemplo, no seu significado está aquele que gerou, porém ao ser pronunciada essa palavra, além de reconhecermos o seu significado, há um significante diferente para cada um de nós.

Ao assim abusarmos, corremos o risco de ficar cada vez mais distantes do significado.

Desprezar esta técnica? Também não, mas não levá-la ao exagero de conduzir a escolha do remédio. Os símbolos não são os mesmos. Corremos o risco de eliminar o sujeito.

O outro tópico que gostaríamos de colocar para discussão é pontuar o silêncio da história clínica, para provocar o encontro do paciente com ele mesmo, ajudá-lo a re-subjetivar-se — ajudá-lo a chegar ao recalcado e calar também no momento de “conversar” com o paciente.

A história é dele, não estamos autorizados a estabelecer e colocar interpretações, não estamos autorizados a emitir julgamento de valor, devemos cultuar o silêncio.

O medicamento em si provocará movimentos próprios, de acordo a seus significantes, de acordo a seu núcleo patógeno que apenas o medicamento conseguirá revelar.

Isto leva-nos a ouvir bem, ao estudo; temos, por força de todas essas posições, de estudar. Fomos a psicanálise de Freud, a Jung e chegamos a Lacan; fomos à Programação Neurolinguística, ao Fisher-Roger, à terapia da quadrinidade, ao comportamentalismo e à análise transacional e passando por Piaget, fomos cair no universo da linguística, terminando na gramática generativa de Chomsky, para buscar entender cada uma dessas propostas, sem deixar de lembrar o que já nos fora colocado de Santo Tomás de Aquino nos idos tempos de Seminário.

E tudo isso para que? Para ao final reencontrar a ferramenta da experimentação, reencontrar Hahnemann e seus postulados, a Matéria Médica Pura, tesouro onde já estão contidos todos os saberes acima mencionados.

Reencontrar o Organon, reencontrar Hahnemann.